

Onde fica o autor na criação artificial?

Publicado em 2025-08-28 11:14:50



A massificação da inteligência artificial generativa trouxe consigo um abalo sísmico à cultura, à economia criativa e ao próprio conceito de autoria.

O artigo hoje publicado no Jornal de Negócios levanta a questão com clareza: uma obra gerada exclusivamente por IA deve ou não ser tutelada por direitos de propriedade intelectual?

A ilusão da autoria mecânica

Se aceitarmos que a máquina é "autora", caímos numa armadilha perigosa: a de confundir ferramentas com criadores. Uma IA não "sente", não tem intenção estética, nem consciência do que cria. Limita-se a processar padrões e probabilidades, treinada sobre milhões de obras humanas.

Logo, o que produz não é originalidade pura, mas uma recombinação estatística de criações passadas.

O humano como centro

O verdadeiro debate não é se a IA deve ser autora — a resposta é simples: não deve.

O centro da questão é **quem assume a autoria quando a IA é utilizada**:

- O **programador**, que constrói o motor?
- O **utilizador**, que formula o prompt e define o rumo criativo?
- Ou a **empresa detentora da tecnologia**, que explora comercialmente a máquina?

Aqui entra a dimensão ética. Porque, se atribuirmos às grandes plataformas tecnológicas a propriedade intelectual de todas as criações feitas com as suas IAs, estaremos a abrir caminho para uma nova forma de monopólio cultural.

O risco da colonização cultural

A IA, em vez de libertar o criador, pode transformar-se numa fábrica de clones, alimentada por modelos que replicam estilos, vozes e até identidades.

E se não houver um enquadramento legal que proteja os criadores humanos e limite o poder das corporações, estaremos perante a maior apropriação cultural da história.

A necessária regulação

A Europa, que tanto fala em direitos fundamentais, deveria liderar aqui.

A regulação não pode ser apenas técnica — precisa de ser filosófica e ética:

- Garantir que a autoria humana não se dissolve.
- Assegurar transparência na utilização de dados para treinar modelos.
- Reconhecer a IA como ferramenta, nunca como criador independente.

Conclusão: o autor é insubstituível

Na longa história da civilização, todas as tecnologias transformaram a arte.

O pincel não substituiu o pintor. A câmara não eliminou o fotógrafo. O computador não matou o escritor.

A IA também não deve matar o autor. Deve ser apenas mais um instrumento — poderoso, sim, mas sempre ao serviço da criatividade humana.

Francisco Gonçalves

Cidadania ativa e interventiva precisa-se

27 Ago 2025



Fragmentos do Caos - Sites Relacionados



Blogue Principal:

<https://fasgoncalves.github.io/fragmentoscaos.html>

Ebooks "Fragmentos do Caos":

[https://fasgoncalves.github.io/
hugo.fragmentoscaos](https://fasgoncalves.github.io/hugo.fragmentoscaos)

Carrossel de Artigos:

[https://fasgoncalves.github.io/
indice.fragmentoscaos](https://fasgoncalves.github.io/indice.fragmentoscaos)

*Uma constelação de ideias, palavras e caos criativo –
ao teu alcance.*

A sua avaliação deste artigo é importante para nós. Obrigado.

[avaliacao_5estrelas]

